



MUSICANDO A HISTÓRIA

NECESSIDADES E POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

FRANCIELE CETTOLIN*

O ensino da música na escola aliado ao ensino da história, ambos como componentes do sistema nacional de ensino, têm sido temas recorrentes nos debates tanto acadêmicos como no âmbito da educação básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996, recomenda o trabalho com temas transversais e sugere metodologias diversas que almejam abranger os problemas educacionais e amparar o multiculturalismo presente no meio escolar e comunitário. Neste sentido, em 18 de agosto de 2008 o Governo Federal sancionou através do Ministério da Educação, a Lei nº 11.769 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Os sistemas de ensino tiveram três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas, a partir da promulgação da lei. É necessário considerar que este ensino é visto pela lei como obrigatório, mas não como exclusivo, ou seja, o objetivo não é formar músicos, mas desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a integração dos alunos, através do uso de oficinas, ou mesmo metodologias interdisciplinares.

O corpus do trabalho aqui apresentado refere-se à análise dos resultados das entrevistas, uma vez que as mesmas serviram para encontrar fontes e justificativas, pois servem como comprovação aos questionamentos presentes no trabalho integral. As entrevistas foram pensadas e formuladas em um formato semi-estruturado, com nove questões, sendo que oito apresentavam uma formatação objetiva e uma dissertativa. Foram aplicadas no início do segundo semestre de 2014, e direcionadas para professores que atuam nas séries finais do ensino fundamental, na disciplina de História.

Sabendo-se da impossibilidade de alcançar o ideal de entrevistar a totalidade de escolas de Caxias do Sul, isto quer dizer, 86 escolas municipais, 57 escolas estaduais, 18 particulares e 1 federal, as entrevistas foram realizadas com seis professores de História, de escolas distintas. Sendo o recorte necessário, pensou-se em trabalhar apenas com escolas de

* UCS – Universidade de Caxias do Sul;
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional;

ensino público, já que supõe-se que o ensino privado dispõe de melhores condições estruturais para o cumprimento da lei. Dessa forma, as escolas selecionadas, se justificam de acordo com o significativo número de alunos e a acessibilidade para a aplicação das entrevistas. Da totalidade, três escolas são de ensino público municipal e três do ensino público estadual. Através dos questionamentos feitos aos professores, foi possível conhecer tanto as práticas desenvolvidas, quanto as necessidades por eles relatadas, sendo que as entrevistas compõem uma análise qualitativa dos dados.

A visita às escolas, municipais e estaduais, escolhidas para o estudo, permitiu a percepção sobre a localização das mesmas, concluindo que no geral as Escolas Públicas Estaduais localizam-se em pontos de mais fácil acesso, ficando as demais, ou seja, as Escolas Públicas Municipais, localizadas mais ao interior dos bairros¹, merecendo dos professores ações voltadas para os diferentes grupos.

Percebe-se que entre o ensino público estadual e o ensino público municipal os recursos disponíveis são diferenciados. O Estado, de uma forma geral, apesar de contar com coordenadorias regionais que auxiliam na tentativa de um trabalho em comum, conta com um número maior de escolas, e isto pode dificultar a distribuição de recursos. Neste caso, entende-se recursos desde o trabalho de oferta de professores até os recursos materiais e estrutura física das escolas. Já, nas escolas municipais costuma-se enfrentar este problema em escala menor. Considerando este último aspecto entende-se porque as escolas Estaduais de Caxias do Sul ainda não oferecem a disciplina de música, nem dispõem da oferta de profissionais do meio.

Com relação à oferta do ensino de música, a rede municipal conta com parceria com uma entidade Pastoral da cidade que oferece profissionais contratados para trabalhar com oficinas, fora do turno regular, em algumas escolas da rede. Somente uma escola da região, que tem implantada em seu sistema o modelo de escola integral, oferece a disciplina de Linguagem Musical, com profissionais nomeados pela própria rede. Neste caso, o trabalho é específico da área.

¹ Deve-se ao fato de que as escolas públicas estaduais, em sua maioria, são anteriores às municipais, obedecendo suas criações a critérios legais e necessidades locais.

A análise das entrevistas fez uso do método de pesquisa qualitativa que utiliza argumentos da pesquisa quantitativa para melhor exemplificar a importância da mesma, ao referir-se aos Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais. “Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerada atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita.” (BAUER e GASKELL, 2013, p.190). Na sequência, pode-se acompanhar as perguntas feitas e as respectivas respostas dos entrevistados².

Para uma melhor organização da análise das entrevistas, estipulou-se um número para cada participante. Os participantes um, dois e três pertencem à escolas Municipais, e o quatro, cinco e seis à escolas Estaduais. Sendo assim, as respectivas escolas são: Papa João XXIII, Arnaldo Balvê, Santa Corona, Cristóvão de Mendonza, Apolinário Alves dos Santos e Maria Araci Trindade Rojas. A análise segue, referindo-se diretamente aos participantes, e não às escolas. O termo ‘participantes’ é utilizado acreditando-se na legitimação da contribuição, e não apenas as meras respostas, na construção do trabalho. Já que os participantes serão sugeridos a contribuir com opiniões sobre as atividades, e até mesmo eventuais sugestões metodológicas.

Primeiramente, observou-se o que diz respeito à relação da área de formação com a área de atuação dos professores participantes. Torna-se clara a realidade, no caso do ensino público, a atuação dos professores em áreas consideradas afins. Ou seja, nesta situação, o professor graduado em História, deve ministrar aulas de Geografia. Esta prática se dá principalmente após o entendimento e a consequente separação das disciplinas por área de conhecimento, colocada em prática após a Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Outro fator percebido é a crescente demanda e a pouca oferta de profissionais da área da Geografia. Isso se dá pelo fato de que atualmente, nenhuma Universidade ou faculdade da cidade de Caxias do Sul possui turma em exercício, apesar do oferecimento do curso pela Universidade de Caxias do Sul. E um terceiro fator, que define-se como complemento dos anteriores, é que o concurso oferecido para professores de história da rede pública municipal, é disponibilizado

² As respostas apresentadas estão condizentes com as que foram apresentadas pelos professores, sem alterações.

através da nomenclatura de Estudos Sociais, ou seja, abre precedentes para que na escolha de turmas o professor de História também deva lecionar Geografia.

A primeira questão da entrevista preocupou-se em saber se os professores costumam utilizar metodologias diversificadas no ensino de sua disciplina, através da pergunta “Você costuma utilizar metodologias diversificadas no ensino da sua disciplina? Quais?” Observou-se que todos os professores entrevistados buscam utilizar novas metodologias em sala de aula. Esta afirmação vai de encontro a uma das hipóteses presentes no trabalho. A hipótese refere-se a frequente busca por novas metodologias, e é válida a partir do momento em que quatro professores, ao responderem quais eram estas novas metodologias, especificam esta necessidade relacionando a Música ou as artes como uma das alternativas para a renovação de suas aulas. Assim se relaciona aos PCNS que afirmam que

É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos. (BRASIL, 1998, p.79)

Os Parâmetros Curriculares assinalam que a educação musical na escola, perpassa a ideia de renovação metodológica, e atinge fatores fundamentais da formação humana. As demais alternativas encontradas nas respostas dos professores apontam para aulas que contenham filmes, vídeos, utilização de cartazes, construção de charges, leitura de imagens, utilização de textos literários, jogo da memória, teatro e até mesmo aula expositivo-dialogada.

Na questão dois “O que entendes por interdisciplinaridade?” é possível observar um entendimento geral do termo interdisciplinaridade pelos professores, quando questionados sobre o que significa, ainda que definidos de diferentes formas. O reconhecimento da dificuldade de prática da interdisciplinaridade relatada pelo participante cinco, denota algo que é uma realidade nas discussões no meio acadêmico e escolar. Neste sentido FAZENDA contribui,

(...) essa necessidade é muitas vezes camuflada por certas realidades distorcidas. O verdadeiro espírito interdisciplinar nem sempre é bem compreendido. Há o perigo de que as práticas interdisciplinares se tornem ou práticas vazias, produtos de um modismo em que, por não ter nada que discutir, discute-se em mesas-redondas,

como salienta Althusser, em Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas, ou constituem-se em meras proposições ideológicas, impedindo o questionamento de problemas reais. (FAZENDA, 1996, pg.84)

Constatou-se clareza na definição do termo nas respostas dos demais participantes. O participante dois define que a interdisciplinaridade é a “troca entre todas as áreas do saber”, resposta que concorda com o participante um que entende o termo como um “diálogo entre diferentes disciplinas”, e o participante seis que define como “o ensino integrado com outras disciplinas”. O participante três chama a atenção para o ato de “quando diferentes disciplinas convergem na análise de algum objeto de pesquisa”. Já o quatro destaca o trabalho “em conjunto com os colegas”.

Mesmo sendo majoritário o pensamento de que o ensino interdisciplinar contribui para a melhor aprendizagem do aluno, referente à questão número três da entrevista, “Você concorda que o ensino interdisciplinar pode contribuir para o melhor aprendizado do educando? Por quê?”, as respostas dissertativas, apresentam mais de um ponto de vista. Alguns entendem que a interdisciplinaridade consiste em um enriquecimento do trabalho que se faz em sala de aula, despertando o maior interesse do educando. É o caso dos participantes dois e seis. Outros acreditam que o fator interdisciplinar deveria ser algo natural a partir do momento que traz uma “visão do todo”. Neste caso, concordam os participantes um, quatro e cinco. Há ainda a visão do participante três que relata ser inviável concretizar um ensino de qualidade, voltado essencialmente para o desenvolvimento de habilidades e capacidades do aluno sem a utilização da interdisciplinaridade.

As respostas vão ao encontro com o que a legislação brasileira trata ao recomendar o trabalho interdisciplinar nas escolas,

A Interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constitui. (LDB, 1996, pg. 31)

Ainda que se denote a compreensão do termo se constitui em realidade no cotidiano escolar, a prática é apontada como algo difícil ou utópico pelas respostas dos participantes.

A questão número quatro, “Você possui algum conhecimento musical?”, foi elaborada para ter uma amostragem de quantos professores entrevistados, possuem algum conhecimento musical. O resultado corresponde às impressões iniciais e que motivaram a elaboração deste estudo. Porém surpreende ao saber que dois, dos seis professores entrevistados, apesar de não possuírem titulação na área, tem ligação com música. Quando questionados, ambos os professores responderam que são autodidatas. O participante três tem uma banda de rock, e o participante seis faz parte do trabalho de uma igreja. Ambos cantam e conhecem o manuseio de alguns instrumentos.

Partilhar de algum conhecimento musical pode ajudar no trabalho com a música na sala de aula. É sabido que a criatividade do professor é algo que soma às práticas neste caso. É importante considerar que, no geral, o professor que é músico, apesar de possuir conhecimento específico dentro da área, nem sempre aplica ou constrói este conhecimento de forma adequada porque desconhece a didática da música.

Na questão cinco, “Você gosta de música? Justifique.”, considera-se significativa perguntar sobre o gosto/preferências do professor, afinal é comum o mesmo trabalhar com conteúdos que considera “mais importantes”, ou melhor, mais coerentes para a situação, segundo suas vivências pessoais e a percepção que o próprio tem da turma. As respostas demonstram as preferências-gostos musicais dos entrevistados, e todas apresentaram afirmativa pelo gosto pela música.

As justificativas envolvem aspectos pessoais dos entrevistados, como por exemplo, a ligação com a memória afetiva, o princípio calmante e também o estímulo para despertar o lado criativo, citados pelos entrevistados um, dois, quatro e cinco. A música também é apreciada, segundo os participantes três e seis, como expressão artística de valor. Além disso, o participante seis lembra que a música “ajuda a apurar a sensibilidade neurosensorial, e estimula o cérebro na apreensão de novos conhecimentos”, características que condizem com as recomendações da Secretaria da Educação,

“A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.” (BRASIL, 1998, vol.3, p.45).

Senso assim, outro aspecto fundamental a ser considerado nesta discussão, é a escolha das metodologias utilizadas para introduzir ou concluir determinado conteúdo na sala de aula. Elas podem dizer muito sobre este professor, são escolhidas entre inúmeras técnicas, e são frutos de seu “jeito de dar aula”, ou seja, sua marca pessoal. Assim como cabe ao professor a escolha de alguns conteúdos, associados à sua preferência, o seu gosto musical acaba por influenciar suas escolhas nas atividades desenvolvidas. Neste sentido, SEFFNER acrescenta,

[...] é importante perceber que estes artefatos histórico-culturais, que são a teoria e a metodologia, estão carregados – e carregam – uma visão de mundo, ou no mínimo, que de cada opção teórico metodológica derivam atitudes diferentes frente ao mundo. Não se usa a teoria apenas para analisar um fenômeno. De certa maneira, ao descrever uma situação histórica estamos manifestando uma proposta frente a ela. Uma proposta interpretativa carrega em si uma proposta de intervenção, mesmo que ela não se efetive. (SEFFNER, 2000, pg. 263-264)

Como afirmado anteriormente, as respostas dizem respeito a aspectos pessoais, por isso, para trabalhar com música em sala de aula, é interessante que antes, se goste de música. Caso contrário, há outras formas de trabalhar novas metodologias no ensino de história. Neste caso, todos os professores entrevistados responderam que gostam de música, e justificaram suas respostas através dos benefícios físicos e psicológicos que ela possui. A próxima questão busca entender como estas preferências são introduzidas na sala de aula.

Na questão seis, “Você utiliza música em suas aulas? Se sim, quais os gêneros mais utilizados?”, as respostas dadas por todos os participantes, exceto pelo participante cinco, contemplaram o uso da música em sala de aula. Entende-se a resposta negativa do participante cinco, como uma insegurança ao trabalhar com algo que não se tem domínio. Percebe-se que as metodologias utilizadas pela maioria dos entrevistados, já que a maioria não possui o conhecimento musical específico necessário para um trabalho mais complexo na área, é a audição e a análise das letras. Apesar de serem trabalhos significativos no sentido de proporcionar o contato com a música, não contemplam a riqueza de análise e contribuições que a área pode oferecer. O professor de história tem a possibilidade de abranger as análises quando leva a música para a sala de aula. Mas para isso, é fundamental que este professor seja orientado quanto à metodologia adequada, já que esta transpassa sua área de formação e conhecimento.

Quanto aos gêneros mais utilizados, foram citados MPB³ pelos participantes um, dois, quatro e seis. Rock pelos participantes um, três e quatro. Música gaúcha e música clássica pelos participantes quatro e seis. Hinos pelo participante um. E rap e dance pelo participante quatro. Os participantes três e quatro citaram que os alunos criam suas próprias músicas. Considera-se esta atividade interessante para o aluno, não só pelo processo de criação que a função propõe, mas também pela integração e envolvimento. Dessa forma, seja ouvindo ou fazendo música, as conexões que ela pode proporcionar mediadas pelo trabalho adequado do professor com seus alunos, convergem com o ensino de história em muitos sentidos, entre eles,

As conexões entre grupos específicos e seus estilos de vida e posições sociais estão marcadas na expressão musical que produzem. Isso não significa, necessariamente, que a música é o reflexo da sociedade; ela também produz a sociedade, pois ela, como os demais objetos. Está em movimento, sofre transformações e se reestrutura de forma diferenciada. Por exemplo, a música é modificada e modifica a medida em que é incorporada ao circuito comercial. Transformada em produto, adquire novas características que lhe imprimem movimentos que, por sua vez, resultam em transformação da sociedade. (TONINI, 2013, pg.04)

Para que o professor possa estabelecer e levar estas questões para a sala de aula, é necessário um apoio que o leve para a formulação de suas metodologias. Portanto, julgou-se necessária a pergunta número sete, “Você considera que há metodologias suficientes para o professor de história que quer utilizar a música em sala de aula?”. A maioria dos entrevistados, ou seja, os participantes dois, três, quatro e cinco, assinalaram a resposta negativa. As respostas positivas dadas pelos participante um e seis, referem-se a materiais encontrados na internet, neste caso a música por meio sonoro e escrito. Porém, todos os entrevistados concordaram em que não há materiais específicos, para as escolas, que tratam da relação interdisciplinar entre música e história.

A partir disso, faz-se essencial pensar qual formato é mais adequado para responder os anseios dos professores relacionados a esta questão. A possibilidade de construção de uma

³ Música Popular Brasileira. Nasceu da fusão de, inicialmente, dois movimentos musicais até então divergentes, a Bossa Nova e os movimentos que aconteciam nos Centros de Cultura promovidos pelos estudantes. . A proposta era produzir uma música nacional, preocupada com a raiz brasileira, mas também com a sofisticação musical. Os propósitos se tornaram uma frente ampla contra a Ditadura Militar, já que o processo se deu durante a década de 1960.

cartilha é válida, porém deixa a desejar no quesito expansão da informação, e este é um fator importante e considerado essencial para melhor cumprir a determinação legal. O objetivo desta pesquisa, não é apenas informar e construir ideias com um determinado número de professores, de determinadas escolas ou de determinada localidade. O objetivo é primordialmente alcançar o maior número de pessoas possíveis, para que o trabalho possa crescer e amadurecer. Pensando nesta questão, o meio de informação mais adequado é sem dúvida o digital.

Defende-se que a participação dos professores é necessária para a elaboração e circulação do meio digital escolhido. Portanto, a pergunta oito, “Você gostaria de participar da elaboração de um repositório de metodologias com a finalidade de partilhar e construir práticas interdisciplinares?”, foi direcionada a análise desta possibilidade. As respostas positivas em absoluto na questão acima vão ao encontro a uma das hipóteses colocadas pelo trabalho, a escassez de um material didático pedagógico que possa auxiliá-los na questão da utilização da música nas aulas de história, e a consequente necessidade de desenvolverem e participarem de trocas de ideias sobre metodologias que envolvam as duas áreas.

Para que este espaço possa acontecer, também pediu-se a opinião dos professores, na questão nove, sobre “Qual formato de repositório você considera mais adequado?”, no caso do compartilhamento destas ideias. Quatro participantes apontaram a preferência pelo site, colocando o blog, escolhido pelos participantes dois e seis, em segundo lugar. O repositório deverá cumprir o objetivo de ser um espaço para a socialização de ideias e construção de novas metodologias interdisciplinares em ensino de história e música. A opção pela criação e desenvolvimento do site, encontra por parte da autora algumas resistências, uma vez que defende que o formato blog permite atualizações e socializações mais eficazes.

Tendo presente a parcialidade do trabalho, o qual será finalizado até o final desse semestre, o repositório está sendo construído. As primeiras informações que constarão serão planos de aula, os quais os professores disponibilização de um material completo para a aplicação das atividades. Os planos deverão constar de explicação e esclarecimentos, para que o professor entenda os objetivos da construção da aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W, GASKELL George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução Pedrinho A. Guareschi. – 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol.3.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história. Brasília, DF: MEC : SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 116 p.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

DAVID, C. M. Música e ensino de história. In: MALATIAN, T. M.; DAVID, C. M. (Org.). Ensino de história. São Paulo: Ed. Unesp : Pró-Reitoria de Graduação, 2006. (Pedagogia cidadã. Cadernos de formação).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996(1979).

FERREIRA, Marieta de Moraes. Aprendendo história: reflexão e ensino. / Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco – 2 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. História e música: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. 2.ed.rev. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2012. 247 p.

PINSKY, Carla Bassanesi (org.) Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Contexto, 2009.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de História. IN: GUAZZELI, Cesar Augusto Barcellos et all. Questões de teoria e metodologia da historia. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 200, p. 257-288.